

GLOBALIZAÇÃO E TEORIA SOCIAL CONTEMPORÂNEA

Danilo Arnaut Saraiva

daniloarnaut@gmail.com

Renato Jose Pinto Ortiz (Orientador)



INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

Palavras-chave: Globalização, Modernidade, Teoria Social

INTRODUÇÃO

O objeto de investigação desta pesquisa são os processos de globalização no âmbito da teoria social contemporânea. A problemática da globalização emerge nos anos 1980, mas o debate tomou corpo nas ciências sociais apenas a partir dos anos 1990. Embora a temática tenha entrado, desde então, para a agenda do dia, sendo abordada, sob os mais diversos enfoques, em debates, estudos, conferências e discussões (acadêmicas ou não), nas diversas ciências, das humanidades às tecnológicas, há uma lacuna que se apresenta: são poucos (muito poucos) os autores que enfrentaram o desafio de pensar os processos de globalização de maneira integrativa e abrangente. Do ponto de vista sociológico, isso significa que ainda falta ao debate um arcabouço teórico, um referencial que lhe sirva de norte, fundamentando-o, lançando questões e estimulando novos estudos.

METODOLOGIA

Leitura e análise do *corpus* formado pelos principais trabalhos de Octavio Ianni e Ulrich Beck a respeito do tema.

DISCUSSÃO E PRINCIPAIS OBRAS ANALISADAS

Ulrich Beck

No caso da teoria beckiana, a atenção esteve dirigida aos temas da individualização, do cosmopolitismo e da modernização reflexiva. Para Beck, os processos de globalização envolvem os indivíduos, seus cotidianos, o trabalho, a família, suas visões de mundo e expectativas de vida. Tudo isso, porém, implica possibilidades de uma experiência global (ou globalizante), que são engendradas pelas consequências da modernização da (primeira) modernidade, ou modernização reflexiva. Este movimento de modernização desembocaria naquilo que Beck denomina de segunda modernidade. No movimento de passagem de uma modernidade para outra, neste “a caminho de”, surgiriam as possibilidades de uma visão e de uma vivência cosmopolitas. O indivíduo se tornaria, nessa medida, livre para vislumbrar e experimentar o mundo.

O indivíduo beckiano, agente da globalização, pressupõe todos esses processos. Aqui está o ponto que tem conduzido nossa reflexão sobre os trabalhos do autor. A formulação é simples: se o indivíduo beckiano pressupõe uma modernidade, uma visão e uma individualização *específicas* de uma parte do mundo, de um contexto espaço-temporal, ele não pode ser tomado como global, ao menos do ponto de vista sociológico. A modernidade beckiana, reflexiva, não se manifesta em nível mundial, tampouco esta individualização das biografias ou o cosmopolitismo. Assim parecem-nos, ao contrário, fenômenos próprios de situações específicas de um certo contexto de globalização.

Principais trabalhos analisados:

La sociedad del riesgo. (Hacia una nueva modernidad) (1986);

Modernização reflexiva. (Política, tradição e estética na ordem social moderna) (1996);

Was ist Globalisierung? (Irrtümer des Globalismus. Antworten auf Globalisierung) (1997);

Liberdade ou capitalismo. (Ulrich Beck conversa com Johannes Willms) (2000);

Power in the global age. (A new global political economy) (2002).

Octavio Ianni

A tese predominante nas obras de Ianni que fizeram parte do corpus desta etapa da pesquisa é, precisamente, a de que o emblema da sociedade global – da

globalização, mundialização, planetarização, transnacionalização – lograria encobrir os demais, não eliminando-os, mas revestindo-os de um novo significado, complementando-os, dando-lhes identidade na fábrica ou máquina do mundo, em nível local, nacional, regional e, agora, reconhecidamente global.

Há uma ruptura histórica e epistemológica mundial. Ianni preconiza, não o fim da história, mas o começo de uma nova fase da história do mundo, o que significaria um novo ciclo da história do capitalismo que, para o autor, deve ser (marxianamente) lido como um modo de produção e um processo civilizatório que logra, agora, manifestar-se e revolucionar-se em nível mundial.

O regime capitalista é, aqui, essencialmente global e cíclico. A esse novo ciclo de expansão do capitalismo, de proporções manifestamente mundiais, Ianni denomina globalismo – que segue à acumulação primitiva, ao metalismo e ao colonialismo, por exemplo.

Para Ianni, estamos diante do novo palco da história do mundo. Aqui confrontam-se neoliberalismo, neo-socialismo e nazi-facismo, guerras e revoluções, todos fundidos, imersos nas dinâmicas da máquina do mundo, da fábrica global. Diferente de Beck, Ianni entende a globalização como configurada pelo alto, e não a partir dos indivíduos, que, no entanto, são levados à percepção de que fazem parte de uma sociedade civil mundial em formação, envolvendo dimensões econômica, política, social e cultural, e atravessada por estruturas, processos e relações mundiais de poder.

Principais trabalhos analisados:

A sociedade global (1992);

Teorias da globalização (1995);

A era do globalismo (1996);

Enigmas da Modernidade-mundo (2000);

Capitalismo, violência e terrorismo (2004).

CONCLUSÕES

- O debate sobre o tema da globalização, no âmbito da teoria social contemporânea, ainda situa-se num contexto de pesquisa de centro.

- Embora encabeçado pelos norte-americanos, o debate não se apresenta deslocado quando desenvolvido num contexto de modernidade periférica. Se a ideia de globalização implica que o mundo torna-se mundo, isso também parece implicar que, a despeito das assimetrias (que evidentemente persistem), os processos de globalização podem ser percebidos nos diversos pontos do planeta, atravessando espaços, temporalidades, nações e sujeitos, desigualdades e diferenças.

- Os estudos sobre o tema encontram-se enraizados em tradições teóricas e contextos de pesquisa específicos. Tomar o globo como objeto de pesquisa implica, de um ponto de vista epistemológico, enfrentar um colosso de proporções inalcançáveis, lógica e intuitivamente, pela percepção, inteligência e imaginação humanas.

- Para além da dicotomia local versus global, parece-nos mais apropriado o termo *situação* (emprestado da fenomenologia). Mais abrangente, ele nos permite denotar os vínculos e limites espaciais e temporais, no que tange a possibilidades de imaginação, percepção, expressão e inteligência de processos em nível mundial. Conduz a reflexão a uma dimensão mais abstrata e, simultaneamente, dá-nos a oportunidade vislumbrar a temática de maneira mais realista: a consciência do pesquisador de sua posição frente ao seu objeto abre novas possibilidades à reflexão epistemológica e ao refinamento metodológico, certamente úteis a um tema relativamente novo e ainda pouco explorado.